



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10610 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

**ENTRE BOLAS E BONECAS, PANELAS E CARRINHOS: PERCEPÇÕES ACERCA DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO TRABALHO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

João Fernando de Araújo - UEL - Universidade Estadual de Londrina

**ENTRE BOLAS E BONECAS, PANELAS E CARRINHOS: PERCEPÇÕES ACERCA DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO TRABALHO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O presente artigo é resultado da dissertação de Mestrado em Educação desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, área de concentração —Educação Escolar, na Linha 2 —Docência: Saberes e Práticas, Núcleo 1: Formação de professores. O estudo está vinculado também ao Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq: Currículo, Formação e trabalho docente. Partimos do seguinte problema para nortear essa pesquisa: Pensando na função social da educação na luta pela valorização e respeito às diferenças e à diversidade, como o trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil tem abrangido questões referentes à gênero e sexualidade de forma a contribuir para a formação de sujeitos mais respeitosos e menos preconceituosos? De modo a responder a esse problema, elencamos como objetivo geral compreender, por meio das percepções e práticas relatadas por professores/as, se as questões de gênero e sexualidade estão sendo abordadas e discutidas no trabalho pedagógico desenvolvido no espaço formativo da Educação Infantil.

Pautada numa abordagem crítico dialética, essa pesquisa foi desenvolvida por meio da pesquisa bibliográfica e de campo, tendo como parâmetro de análise, as teorias Feministas e os Estudos Culturais. Considerando as medidas de distanciamento social e suspensão das aulas presenciais, desenvolvemos a pesquisa aplicando um formulário online, criado por meio da plataforma Google Forms, à docentes atuantes na Educação Infantil de todas as regiões do país. O formulário oficial foi disponibilizado e liberado para respostas a partir de 29 de abril de 2020 e foi fechado no dia 23 de maio de 2020, totalizando dessa maneira 74 respostas.

Ao propor essa pesquisa, voltamos-nos à sociedade, para buscarmos entender as condições basilares das desigualdades de gênero e de sexualidade. Louro (2011, p. 65),

brilhantemente nos esclarece que o contexto da sociedade brasileira, ao longo de seu desenvolvimento, produziu uma espécie de sujeito padrão, que corresponde ao tipo ideal esperado. No decorrer dessa normatização, o homem, branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão, foi sendo instituído como o modelo ideal. Essa é nossa identidade referência. Ela ascende ao centro da sociedade e passa a ser o estereótipo que todos almejamos ter e o lugar que almejamos ocupar. Tendo o referido modelo como padrão ocupando a centralidade na sociedade, os sujeitos que não se encaixam no padrão, são delegados a ocupar a margem da sociedade. Entre o grupo marginalizado, obviamente, encontram-se as mulheres, os homossexuais, os negros, indígenas, os pobres, os adeptos de outras religiões alheias ao cristianismo ou os que não possuem crença religiosa. Cabe esclarecer que, para esta pesquisa, propõe-se olhar para as questões dos marcadores sociais gênero e sexualidade, uma das causas da desigualdade social e da marginalização de muitos grupos. Nesse contexto, precisamos nos voltar para o trabalho desenvolvido na escola para entendermos o papel social dessa instituição na luta e resistência contra o processo de desigualdade que se instala e se espalha em proporções cada vez maiores, bem como na luta pela valorização da diversidade e respeito às diferenças. Nesse aspecto, Bortolini (2011), nos sugere enxergarmos a escola como uma arena cultural, ou seja, entendê-la como um espaço em que entram em confronto e em diálogo, diferentes sujeitos e diferentes modos de significação do mundo, o que resulta em modos diversos de criar sentidos para as sexualidades, para o gênero, para si próprios e para os outros.

Partindo de tais pressupostos, direcionamos nossa atenção especificamente à Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, que ao longo dos anos, vem firmando e delineando sua função social. Nessa pesquisa, adota-se a concepção de criança como “um indivíduo capaz, produtor de cultura e portador de história. Tais considerações revelaram-se importantes para pesquisar a cultura infantil, sua produção e as condições em que esta se dá”. (FINCO, 2003, p. 90). A partir dessa concepção, percebemos na Educação Infantil um rico campo no qual podemos analisar por meio do trabalho pedagógico lá desenvolvido, se as questões de gênero e sexualidade vêm sendo abordadas. Se abordadas, o diálogo e as atividades propostas contribuem para a extinção de preconceitos e diminuição de desigualdades ou se apenas corroboram para esse processo segregatório que exclui e marginaliza os grupos sociais.

Os principais resultados obtidos diante do percurso da investigação evidenciam-nos que os/as professores/professoras estão trabalhando questões de gênero e sexualidade em sala de aula por meio de brincadeiras, rodas de conversas, Literatura Infantil, diálogos acerca de brinquedos e cores pré- designados para meninos ou para meninas. Projetos estão sendo criados para uma melhor abordagem da temática com as crianças. Nesse sentido, estamos caminhando para uma possível ressignificação das relações sociais que evidenciam desigualdades de gênero e de sexualidade.

Todavia, identificamos também, que ainda estão presentes nas falas de muitos docentes, a visão biologizante de gênero e sexualidade, que ignora o sentido de construção e

passa a visão de algo —natural ou —intrínseco, que pode ser controlado ou transformado por vontade própria. O fato das políticas públicas educacionais contemplarem de maneira superficial as questões de gênero e sexualidade na formação inicial, continuada e em serviço é um outro fator preocupante que precisa ser repensado. Pensando nisso, voltamos nossa atenção para a infância e para a Educação Infantil. Corroborando com os pensamentos de Mello (2009, p. 373), sabemos que a criança é “capaz de aprender desde que nasce e, porque aprende, se desenvolve, se apropria das qualidades humanas social e historicamente dadas em seu meio e acessíveis à sua atividade”.

A partir desse estudo, foi possível refletir sobre vários aspectos envolvendo as discussões de gênero e sexualidade no espaço escolar, especialmente no espaço formativo da Educação Infantil. Ao longo da pesquisa, pudemos perceber como a sociedade brasileira tem sido organizada tendo por base o homem, heterossexual, branco, cristão, classe média urbana, como modelo ideal de sujeito. Esse é o nosso modelo referência, e a partir dele, qualquer outro sujeito que não tenha esse perfil, é renegado à margem da sociedade.

Isso caracteriza as tão desiguais relações sociais existentes entre homens e mulheres, entre heterossexuais e homossexuais, entre negros e brancos, entre cristãos e não cristãos, entre brancos e indígenas, entre tantas outras desigualdades ligadas a gênero, sexualidade, raça, etnia e religião. Essas condições desiguais socialmente construídas, justificam a relevância dessa pesquisa. Acreditamos numa educação humanizadora, por meio da qual as gerações mais novas recebem por meio da mediação das gerações mais velhas, o arcabouço cultural elaborado pelo conjunto de homens e mulheres ao longo dos tempos. Esse arcabouço é a humanidade que falta no sujeito assim que ele/ela nasce, e que será adquirido por ele/ela ao longo de sua vida. Esse arcabouço, além de artefatos materiais, é constituído também de pensamentos, valores, normas e outros elementos imateriais. As relações de gênero e sexualidade que estão postas na sociedade constituem-se no campo da imaterialidade. São pensamentos, ideias e normas estabelecidas pelo imaginário social. Uma educação escolar que visa formar humanamente as novas gerações, não pode mais aceitar e compactuar com os processos desiguais que tem se perpetuado desde o descobrimento do país. Essa pesquisa é importante porque reconhece e fortalece a luta contra o preconceito, a discriminação e a desigualdade. Corroboramos com o pensamento de Louro (1997, p. 85-86) e acreditamos que

Se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe, se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade, se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e que pode ser subvertida, e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessa desigualdade.

Nesse sentido, voltamos nosso olhar para os professores e as professoras que atuam na Educação Infantil a fim de refletir se esses profissionais, em suas práticas pedagógicas têm promovido discussões de gênero e sexualidade de forma a colaborar para que a criança em formação, receba uma formação humana, que não segregue, classifique e exclua pessoas. A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, a primeira onde a criança entrará em contato com um saber sistematicamente elaborado. O/A professor/professora é o sujeito responsável pelo planejamento e seleção dos conteúdos que constituem esse saber bem como pela organização dos melhores métodos para ensiná-los, por isso, o docente é um profissional ímpar na formação da criança e na promoção dessa educação humanizadora (SAVIANI, 2011). De acordo com os dados obtidos na pesquisa, pudemos evidenciar que a grande maioria dos/das participantes possuem conceitos formados acerca do gênero e sexualidade como construções históricas, sociais e culturais, o que é um grande passo para que as relações desiguais por questões de raça e gênero, parem de ser pautadas em aspectos biologizantes ou vistas como naturais. É preciso entender essas desigualdades são frutos de processos sociais articulados para manter, em ascensão, aquele sujeito referência tratado anteriormente, de forma que o pequeno grupo que se enquadra naquele perfil possa continuar controlando e oprimindo todos os outros grupos dos que destoam dele. Percebendo o gênero e a sexualidade como construções e como partes da identidade dos sujeitos das quais ninguém pode se livrar ou simplesmente esconder, os/as docentes podem ajudar a desconstruir estereótipos e possibilitar ressignificações acerca das identidades historicamente marginalizadas por suas identidades de gênero ou orientações sexuais. Em outras palavras, marginalizados por simplesmente serem que são. Por não servirem a um modelo socialmente instituído.

Ao término da pesquisa evidenciou-se que os/as professores/professoras estão trabalhando questões de gênero e sexualidade em sala de aula por meio de brincadeiras, rodas de conversas, Literatura Infantil, diálogos acerca de brinquedos e cores pré-designados para meninos ou para meninas. Nesse sentido, estamos caminhando para uma possível ressignificação das relações sociais que evidenciam desigualdades de gênero e de sexualidade. Todavia, identificamos também, que ainda estão presentes nas falas de muitos docentes, a visão biologizante de gênero e sexualidade, que ignora o sentido de construção e passa a visão de algo “natural” ou “intrínseco”, que pode ser controlado ou transformado por vontade própria. O fato das políticas públicas educacionais contemplarem de maneira superficial as questões de gênero e sexualidade na formação inicial, continuada e em serviço é um outro fator preocupante que precisa ser repensado.

O processo educativo é responsável por integrar a criança em uma sociedade mais ampla que o círculo familiar. Não é um processo banal, implica a imersão da criança num processo sistematizado de aquisição da cultura historicamente elaborada pela humanidade. Nesse processo, a criança é posta frente a frente com a diferença, pois passará a conhecer sujeitos e organizações sociais distintas àqueles com as quais está habituada. Por isso, o trabalho educativo precisa estar empenhado em entender e discutir com as crianças essas

diferenças. Nesse sentido, na Educação Infantil, é crucial que tratemos dessa diversidade. É preciso que consideremos as diferentes crianças e suas bagagens culturais, suas distintas infâncias, seus contextos sociais cuja organização influenciam diretamente na vida e formação social de suas identidades.

Acerca disso, é necessário esclarecermos que, ao defendermos a ideia de que as questões de gênero e sexualidade sejam trabalhadas com as crianças na Educação Infantil, temos consciência que os conceitos científicos de gênero e de sexualidade e todas as suas interligações são complexos para o entendimento de uma criança. Não defendemos que eles sejam discutidos com as crianças tal qual os apresentamos na dissertação, defendemos que eles sejam explicados de maneira lúdica, utilizando-se de exemplos da realidade, como por exemplo a desigualdade salarial existente entre homens e mulheres, as organizações familiares distintas daquela tradicional, os diferentes interesses das pessoas por roupas, brinquedos, cortes de cabelo, e etc. Não é novidade que gênero e sexualidade ainda são tabus na nossa sociedade, conscientes disso, acreditamos que é somente falando deles que poderemos reverter essa situação, principalmente com as crianças, pois elas ainda estão em fase de formação e podem se desenvolver com uma visão diferente da socialmente imposta por meio de um trabalho docente que aborde discussões acerca do gênero e da sexualidade.

Assim, encerramos provisoriamente essa pesquisa, com a esperança de que ela seja apenas uma semente e que possa florescer futuramente, sejam em pesquisas relacionadas à temática, seja numa possível continuação. O que importa é que contribua para reflexões futuras. “Lavar as mãos no conflito entre os poderosos e os impotentes significa ficar do lado dos poderosos, não ser neutro. O educador tem o dever de não ser neutro.” (FREIRE, 2000). Não lavamos nossas mãos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Formação de Professor. Gênero. Sexualidade. Prática Pedagógica.

## REFERÊNCIAS

BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual e de gênero na escola. **Revista Espaço Acadêmico**- Dossiê: Homofobia, sexualidade e direito: Rio de Janeiro. n° 123, p. 27-37. 2011.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Pro- Posições**- Dossiê: Educação Infantil e Gênero- UNICAMP: Campinas- SP. v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós estruturalista. 6ª ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Revista Formação Docente:** Belo Horizonte. v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011.

MELLO, Suely Amaral. Cultura, mediação e atividade. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. SILVA, Vandei Pinto. MILLER, Stela (orgs.). **Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações**. Araraquara- São Paulo: Cultura Acadêmica. p. 365- 376. 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. Campinas- SP: Autores Associados. 2011.